

Coordenação de Maria Celeste Nardim, Jorge Cunha e Renato Epifanio

PORTO CULTO DO SÉCULO XX



Alfredo Ribeiro dos Santos



Fernando Guimarães



José Rodrigues

PORTO CULTO DO SÉCULO XX



Zéfiro

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Porto Culto do Século XX

COORDENAÇÃO

Maria Celeste Natário, Jorge Cunha e Renato Epifânio

EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª EDIÇÃO: Novembro de 2015

ISBN: 978-989-677-132-4

DEPÓSITO LEGAL: 400 637/15

IMPRESSÃO: DPS

© 2015, Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt

 WWW.ZEFIRO.PT

Intróito

Maria Celeste Natário (Universidade do Porto)¹

Como se sabe, a última obra publicada por Sampaio Bruno foi *Porto Culto* (1912), que teve como objectivo completar os três volumes de *Portuenses Ilustres* (1907-1912), obra que se debruça, como o próprio título sugere, sobre as principais personalidades da cultura portuense da época.

Essa obra de Sampaio Bruno foi a inspiração maior para o Ciclo “Porto Culto do Século XX”, promovido pelo Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia em Portugal”, do Gabinete de Filosofia Moderna e Contemporânea do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, em parceria com o Centro de Estudos do Pensamento Português do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

Tendo sido essa a inspiração, temos perfeita consciência das diferenças entre o Porto Culto da época de Sampaio Bruno – final do século XIX e princípio do século XX – e o Porto Culto do último quartel do século XX, mesmo que, sob o ponto de vista geracional, em termos filosóficos, literários e artísticos, muito de comum ainda haja. Saliente-se, a este respeito, o papel que tiveram o movimento da *Renascença Portuguesa* e a revista *A Águia*, na transmissão geracional desse espírito do Porto Culto, já presente na Revolta de 31 de Janeiro de 1891, e que ainda hoje se pode sentir – nas palavras de José Augusto Seabra:

“Não foi por acaso que o movimento *Nova Renascença* (...), que visou dar corpo à aspiração renovada da *Renascença Portuguesa* tenha ressurgido no Porto e no Norte. Não só aí se enraízam as matrizes originárias de Portugal, renascidas recorrentemente ao longo da sua história, mas aí se delineou toda uma tradição de pensamento e de criação que teve na *Renascença Portuguesa* um dos mais altos e significativos momentos, no advento da Modernidade. *Traditio et Revolutio*, eis os seus pólos complementares e indissociáveis.”²

É esse mesmo espírito que podemos ainda encontrar nas três personalidades que escolhemos homenagear para iniciar este Ciclo: Alfredo Ribeiro, Fernando Guimarães e José Rodrigues. Nos três casos, ainda que de diferentes modos, permanece, com efeito, intacto e vivo esse espírito do *Porto Culto* de Sampaio Bruno.

Igualmente num prefácio a uma obra – falamos de *Jaime Cortesão, um dos Grandes de Portugal*, de Alfredo Ribeiro dos Santos –, Mário Soares escreveu que esse livro surgiu

¹ Coordenadora do Grupo de Investigação *Roots and Horizons of Philosophy and Culture in Portugal* / Instituto de Filosofia / Faculdade de Letras da Universidade do Porto / RG-PHIL-Norte-Porto-502-1948

² Prefácio a *Renascença Portuguesa, um movimento cultural portuense*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1990, pp. 7-8.

“no momento próprio”, quando – estávamos em 1993 – Portugal voltava “a interrogar-se sobre a sua identidade”. Ainda de acordo com o prefaciador, permitimo-nos acrescentar que essa parece ser uma constante da nossa cultura – todos os momentos parecem ser propícios para nos interrogarmos sobre a nossa identidade.

Não por acaso citámos esta obra, porque Alfredo Ribeiro dos Santos é, precisamente, a primeira das personalidades aqui eleitas, personalidade que, no panorama intelectual portuense da segunda metade do século XX, deixou uma marca singular e indelével. Não só pela forma como se preocupou pela cultura portuense, aos mais diversos níveis – sobretudo, cívico e cultural –, tendo sido, com José Augusto Seabra, um dos fundadores do Movimento-Revista *Nova Renascença*, de que chegou a ser um dos directores, Alfredo Ribeiro dos Santos foi, de facto, um Portuense Ilustre, que nos deixou há bem pouco tempo (2012).

A atenção, o desvelo, a coragem e sua grande humildade são características que a todos impressionaram, quer na sua actividade profissional como médico, quer na dedicação à cultura da sua cidade e do seu país. O plano político e social assumiu importante relevo no seu percurso de humanista, tendo constituído um alicerce da sua forma de ser e de agir, pela esperança que depositava nos princípios essenciais da liberdade, pela qual se bateu, e que a democracia lhe permitiu acreditar.

A pedagogia das liberdades cívicas e o fervor patriótico, conjugadas com uma valorização de um certo espiritualismo, foram princípios da sua vida e obra, a que, na senda daquele que considerou como Mestre – Leonardo Coimbra –, sempre procurou ser fiel. O seu interesse e entusiasmo pela primeira geração do *Porto Culto* terão sido, decerto, as fontes inspiradoras da sua devoção pela cultura, na sua mais ampla acepção: da literatura à filosofia, da poesia à política, da educação cívica à educação popular. Tudo isso foi, para Alfredo Ribeiro dos Santos, um projecto de vida.

Assim evocamos este caríssimo Amigo, que conhecemos nos anos setenta, e de quem guardamos uma gratíssima memória.

*

José Rodrigues é também um Amigo que nos honramos de ter, ainda que o conheçamos há menos tempo. A primeira vez que o encontramos foi, tanto quanto nos lembramos, na Cooperativa Árvore, instituição que, com outras personalidades, fundou.

Da Cooperativa Árvore ao Convento de San Payo e à sua “Fábrica Social”, nome com que gosta de designar a Fundação que tem o seu nome, sempre este homem nos aparece a trabalhar. Aliás, ouvimos-lhe muitas vezes a expressão “estou a começar todos os

dias”. Homem de grandes afectos, de quem se sente naturalmente uma proximidade familiar, não fosse uma das suas actividades e um dos seus maiores desideratos na vida ser amigo. Como disse sobre ele Ramalho Eanes, “ele tem um coração nas mãos, é bondoso e fraterno. Como artista, é excelente”.

Da escultura ao desenho e à medalhística, o nosso Mestre, como o chamamos, a sua vasta obra impressiona: pela sua extensão e, sobretudo, pela sua criatividade, recorrendo às mais diversas técnicas, explorando as mais variadas soluções plásticas, usando as cores mais contrastantes, construindo infinitos mundos paralelos, a sua imaginação é capaz de nos conduzir, a partir das suas histórias, à construção de outras histórias. José Rodrigues não é, de facto, um autor monolítico, que esteja sempre a repetir-se. É, ao invés, um “operário da criação”, sempre a reinventar-se, sempre a transformar novas histórias em novos desenhos.

Um dia recordámos-lhe a história da revista *A Águia* e, a esse propósito, pedimos-lhe um desenho para uma capa de uma outra revista: a *Nova Águia*. Encostado num imenso tronco de árvore no seu *atelier*, apanhou um qualquer papel e esboçou um desenho. Chapinhou-o de cores, olhou para nós, e disse: “Não, vou fazer outro! Mais cores, mais asas e mais cores...”. E esse foi o desenho que apareceu no primeiro número da Revista, lançado no dia 19 de Maio de 2008, na sua Fundação, e que se mantém como logotipo da publicação.

É este o Mestre que, desde a primeira hora, olhamos e não conseguimos chamar de “Escultor”, “José” ou simplesmente “Zé”. Um Mestre, sobretudo, porque nos inspira com a sua dir-se-ia infinita capacidade criadora. Tem sido, para além disso, um activista cultural. Para ele, a sua própria Fundação, ou “Fábrica Social”, só faz sentido enquanto espaço dinamizador e movimento cultural. Daí, também, o seu enraizamento nesse espírito do *Porto Culto* de Sampaio Bruno.

*

Fernando Guimarães, a terceira personalidade que neste livro se homenageia, é igualmente para nós um Amigo, que conhecemos há cerca de duas décadas. Já conhecendo a sua obra, fomo-nos encontrando, sobretudo a partir do ano de 2000, ano em que a Câmara Municipal de Amarante lhe atribuiu o Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes, pela sua obra “Limites para uma Árvore”, numa cerimónia muito concorrida, em que estivemos presentes.

Parecendo distante e introvertido, sempre discreto, o grande ensaísta, poeta e tradutor é, porém, uma pessoa particularmente afável. Trabalhámos com ele, mais recentemente, na

elaboração do Catálogo da Exposição Evocativa do Centenário do Movimento da *Renascença Portuguesa* e da Revista *A Águia*, acolhida pela Biblioteca Pública Municipal do Porto. O seu profundo conhecimento do contexto cultural português e europeu do início de século XX impressionou-nos sobremaneira e foi fundamental para a elaboração desse Catálogo, assim como a sensibilidade de alguém que, como uma árvore, parece conhecer as suas raízes – neste caso, as nossas raízes, as raízes da nossa cultura, as raízes dos muitos movimentos culturais que a animaram nesse princípio de século.

A sua obra, nos planos literário, poético e ensaístico, é tão extensa e diversificada como a obra de José Rodrigues nas artes plásticas, como acima salientámos. Tal como, no caso de José Rodrigues, não conseguimos escolher entre as suas esculturas e os seus desenhos, no caso de Fernando Guimarães, de igual modo, valorizamos tanto a sua obra poética como ensaística, sem esquecer aqui as suas cuidadas traduções.

Cada uma destas figuras deste *Porto Culto* foram perseguindo caminhos que sempre ficaram habitados. Curiosamente, “Os Caminhos Habitados” é o título do Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes, concedido pela Associação Portuguesa de Escritores e pela Câmara Municipal de Amarante, atribuído no ano passado. Neste ano em que se assinala o centenário do falecimento do Sampaio Bruno, regozijamo-nos pela publicação desta obra, a primeira relativa a um Ciclo que, é nosso propósito, se manterá. Felizmente, o *Porto Culto* é muito rico e há ainda muitas personalidades a homenagear.